

NOTAS SOBRE A  
HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS  
DO LAVRADO E DAS SERRAS DE RORAIMA

ARQUIVO SETOR INDIGENISTA  
DIOCESE DE RORAIMA

- 1983 -

S U M Á R I O

OS CARIBE

CHEGADA DOS ESPANHÓIS

OS MAKUXI

OS PORTUGUESES

REVOLTAS CARIBE

REAÇÃO DOS PORTUGUESES

REVOLTAS INDÍGENAS

TROCAS ENTRE OS POVOS

TEMPO DE ESPERA

OS NORDESTINOS

O TEMPO DO S.P.I.

TERRITÓRIO DO RIO BRANCO

## APRESENTAÇÃO

Uma das maneiras que as pessoas usam para dominar as outras é a de fazê-las esquecer o seu passado. Nossos pais e avós já passaram por muitas coisas. Já enfrentaram muitos problemas. E o jeito como eles enfrentaram os seus aperreios serve para nós aprendermos como fazer ou como não fazer.

Sabendo a história do nosso povo, nós podemos saber quem somos, de onde viemos, como viemos parar aqui, e com isto, podemos saber para onde ir e qual caminho seguir. Se não sabemos, ficamos perdidos e podemos cometer, às vezes, os mesmos erros que os nossos antigos talvez tenham cometido. É como, por exemplo, um homem que está sozinho no meio do lavrado. Se ele sabe de que direção veio, sabe também para que direção tem que ir. Se não sabe, acaba morrendo ali mesmo, ou então vai atrás do primeiro que passar.

Normalmente os brancos acham graça quando os índios contam as suas histórias, quando usam os seus costumes ou quando falam a própria língua. Eles fazem isso para que os parentes comecem a ter vergonha de suas próprias coisas e comecem a usar as coisas dos brancos. Assim eles podem dominar mais facilmente. Se os índios não lembram mais a história de seu povo, ficam perdidos e vão atrás dos brancos, para onde esquiserem levá-los.

Além de tentar fazer com que os índios esqueçam a própria história, os brancos começam a contar a deles, mentindo, muitas vezes. Quem já não ouviu um fazendeiro dizer que o pai dele foi o primeiro do lugar? Dizem isto pensando que os índios já esqueceram a sua história.

Também ensinam apenas a história dos brancos nas escolas. Quando se estuda história do Brasil ou do Território de Roraima, parece que os índios nem existiam.

Por isso estamos apresentando este pequeno trabalho. Ele conta um pouco a história dos índios daqui e como os brancos foram chegando e tomando as terras. Os professores que querem ajudar a comunidade a não esquecer a história de seu povo podem utilizá-lo nas escolas, tentando mudar um pouco o sistema de educação dos brancos.

Na parte final de cada capítulo colocamos algumas sugestões de atividades que os professores podem aplicar aos alunos, se não tiverem alguma idéia melhor.

Neste trabalho não está escrito tudo. É só para ajudar a recuperar a história dos povos indígenas.

% OS CARIBE

Há muito tempo atrás existia um povo muito grande chamado Caribe. Este povo morava na região onde já é a Venezuela.

Os Caribe viviam nas ilhas Caribes, que ficam no meio do mar, e por dentro da terra firme, nas margens do rio Orinoco.

Eles eram bons navegadores, isto é, sabiam andar bem de conoa. Enfrentavam as corredeiras e cachoeiras dos rios e iam remando, longe para caçar, pescar ou fazer comércio.

Faziam isto principalmente no rio Orinoco, subindo este rio até quase as cabeceiras. Aí pegavam também os rios Caura, Paragua e Caroni. Estes rios têm as suas cabeceiras próximas à serra Pacaraima. Então os Caribe atravessavam-na a pé, carregando os barcos e, depois, desciam o rio Uraricoera até o rio Branco. Às vezes voltavam daí para trás, às vezes chegavam até o rio Tacutu. Dali do Tacutu seguiam novamente a pé, pelo lavrado, até o rio Rupununi, que fica onde hoje é a Guiana. Por estas águas conseguiam alcançar o rio Essequibo, que desemboca no mar. Pelo mar remavam para a boca do Orinoco e entravam. Daí subiam novamente este rio, até chegarem em casa.

Nestes lugares por onde passavam, viviam índios, que formavam pequenos povos. Com estes, os Caribe faziam comércio, marretando uma porção de mercadorias.

Além do comércio, os Caribe também faziam guerras com estes povos. E, como eram em grande número, na maioria das vezes venciam.

Assim, fazendo guerras e fazendo comércio, os Caribe foram conhecendo todos aqueles povos e toda a região. Não era mais um lugar estranho para eles.

O contato dos Caribe entre si era também muito grande, apesar de viverem espalhados por toda a margem do Orinoco e nas dos rios que desembocam nele. Durante o período das chuvas eles aproveitavam para plantar e fazer todos os serviços de inverno; quando chegava o verão, iam fazer visitas e organizar viagens de comércio ou de guerra com outros povos.

Quando eram visitas entre si, saía a família toda. Assim, passavam meses fora de casa. Não faziam questão de ter uma casa bem feita para morar todo o tempo. Quando saíam, moravam em acampamento mesmo, no meio da mata onde tinha mais caça, ou na beira dos rios, quando estavam pescando.

Só alguns grupos é que ficavam mais situados em alguns lugares, trabalhando mais com a lavoura do que viajando. Assim aprendiam mais a lidar com a terra. Enquanto os outros, que saíam, conheciam mais as regiões distantes.

Mas, como estavam todos sempre se encontrando, quem aprendia uma nova maneira de plantar ensinava aos outros e quem ia viajar, trazia as notícias e as mercadorias.

Sendo mais organizados do que os outros povos, os Caribe aproveitavam a sua força para fazer torcas bem lucrativas. Quando não conseguiam o que queriam por meio de acordo, pegavam a força mesmo.

Como andavam muito, não tinham muito tempo para aprender a trançar. Então esta era a mercadoria que mais procuravam com os outros povos: cestas, peneiras, panacus, jamanxis, etc.. Também procuravam comida para prosseguir a viagem. Quando a troca não dava certo, então faziam guerra; roubavam também mulheres, algumas vezes.

Os outros povos também tinham algumas brigas entre si e os Caribe aproveitavam-se disso para guerrear e, fazendo aliança com alguns povos, procuravam fazer com que ficassem sempre em briga. Desse jeito eles sempre tinham amigos em algum canto, com quem poderiam fazer as trocas, enquanto faziam as guerras com outros, ajudados por estes amigos.

Com todas estas guerras os Caribe faziam medo para todos os povos da região. Por isso eram respeitados. Os outros os chamavam de "Ewaipona" que era alguma coisa como "kanaimé". Diziam que eles tinham os olhos no peito e que não tinham cabeça.

Tudo isso foi antes dos brancos chegarem. Os lugares não eram ainda chamados de Venezuela, Guiana e Brasil. Era tudo uma terra só.

### CHEGADA DOS ESPANHÓIS

A situação toda começou a mudar quando chegaram os espanhóis. Eles vieram do outro lado do mar, de uma terra chamada Europa, onde fica o país chamado Espanha, que é o lugar deles. Não vieram para visitar, nem conhecer o pessoal, mas para pegar as terras e as riquezas que elas tinham.

Eles chegaram na praia, na beira do mar, e já encontraram os Caribe por lá, em 1521.

Os Caribe eram poucos naquela região. Ainda tentaram lutar contra os espanhóis. Mas estes tinham muitas armas, facões, espingardas e canhões, que os índios não conheciam. Então os Caribe tiveram que fugir, subindo o rio Orinoco, juntando-se aos que já moravam por ali. Assim os espanhóis ficaram com aquela beira de mar.

Tendo conseguido ganhar aquele porto, os espanhóis chamaram outros, pois já tinham um lugar livre para encostar as embarcações em que viajavam. Desse jeito, chegaram outros espanhóis. Começaram a construir suas casas, mostrando que pretendiam ficar ali mesmo.

Mas eles ficaram entusiasmados com a facilidade com que tinham conseguido aquelas terras. Então resolveram ir mais adiante, mais para dentro, para pegar outras terras.

Não eram só as terras que eles queriam, mas também os próprios índios, para fazê-los trabalhar para eles. Só que não conseguiram isto com muita facilidade. Os espanhóis pensavam que prendendo o chefe, todos os outros ficariam sem fazer nada e se entregariam. Mas isso não aconteceu. Quando um chefe era preso,

os outros continuavam lutando, ou então fugiam. De qualquer modo, não conseguiam ficar com todos, como pretendiam.

Querendo novas terras e índios para trabalhar como escravos, um chefe espanhol, chamado Diogo de Ordaz, reuniu alguns soldados e subiu o rio Orinoco. Isso aconteceu no ano de 1531.

Mas, quando os Caribe saíram da beira do mar, reuniram-se com os outros, que já estavam pelas margens do Orinoco. Então, quando os espanhóis apareceram por ali, encontraram mais índios do que esperavam e também mais organizados. Por isso, os espanhóis perderam esta briga e tiveram que voltar para a beira do mar.

Depois disso, os espanhóis começaram a usar outras maneiras para fazer contato com os Caribe. Começaram com conversas, trocas, tudo na base da amizade. Notaram que era um pouco perigoso partir para a luta.

Ao mesmo tempo os espanhóis iam situando morada de finida na beira do mar. Assim, os Caribe não podiam mais fazer aquelas longas viagens que faziam antes, subindo o Orinoco até o Uraricoera e, por aí, até o Tacutu, o Rupununi, o Essequibo e então entrar, pelo mar, na boca do Orinoco. Não podiam mais fazer isso porque a boca do Orinoco estava ocupada pelos espanhóis.

Os brancos também começaram a usar uma maneira de agir parecida com a que os próprios Caribe usavam. Aproveitaram as brigas que os Caribe tinham com os outros povos para reforçar a amizade com os mesmos Caribe. Foi entre os anos de 1588 e 1590 que os espanhóis e os Caribe ficaram aliados e combateram os Ipurugoto, um outro povo indígena.

Os Ipurugoto viviam entre os rios Caroni e Paragua, afluentes do Orinoco. Na luta contra os Caribe e os espanhóis os Ipurugoto deram-se mal e quase se acabaram por causa das armas dos brancos. Então tiveram que deixar a região onde viviam e foram mais para o sul, para as margens do Uraricoera.

Nesta vitória contra os Ipurugoto, os que mais saíram ganhando foram os espanhóis. Tinham já conseguido expulsar alguns índios da região, mesmo que ainda não fossem os Caribe. O chefe dos espanhóis que estavam naquela região chamava-se Antonio de Berrió. Ele tinha dado para ele mesmo o cargo de Governador. Com isto dá para perceber que os brancos estavam já querendo ser donos de tudo.

Naquele tempo corria uma conversa entre os brancos da Europa que por aqui existia um lugar chamado Eldorado, que era uma cidade toda feita de ouro e diamantes. Os brancos achavam que esta Eldorado estava localizada na serra de Pacaraima. Por isso queriam a amizade dos Caribe, pensando que eles conheciam o local.

Eles não tinham notícias exatas do lugar. Achavam que ficava na região, mas não sabiam muito bem onde. Então, eles queriam conhecer tudo, para descobrir onde ficava.

Não eram só os espanhóis que estavam procurando este Eldorado. Os portugueses iam por todo o rio Amazonas atrás disso apesar de não acreditarem muito nestas conversas. Os ingleses e os holandeses também estavam querendo ser donos deste lugar. Tanto que estes ingleses conseguiram fazer uma amizade com os índios Arawak e, juntos, prender o "governador" Antonio de Berrió. Com isso, os ingleses forçaram Berrió a dar uma autorização para que eles pudessem viajar pela área. Foi assim, que, em 1595, os ingleses fizeram uma viagem pela Guiana, tentando achar este lugar cheio de ouro e diamantes.



Todas estas entradas de brancos mudaram o modo dos povos indígenas viverem entre si. Os espanhóis precisavam de gente para trabalhar para eles nas cidades que estavam construindo e não podiam pagar os Caribe, porque eram amigos. Então contratavam os Caribe para trazerem gente de outros lugares. Assim, os Caribe começaram a roubar homens, mulheres e crianças para vender aos espanhóis. Os brancos pagavam estes escravos principalmente com ferramentas e espingardas. Por isso, as guerras dos Caribe com outros povos aumentaram muito. E os outros povos perdiam sempre, porque os Caribe tinham espingardas.

Estes outros índios foram, então, diminuindo de mais. Aqueles pequenos povos que moravam nas cabeceiras dos rios Paragua, Caura e Caroni, e das margens do rio Uraricoera, sumiram quase todos. A região ficou vazia, despovoada.

Neste tempo os espanhóis começaram a entrar cada vez mais para dentro do rio Orinoco, nas terras dos Caribe.

Mas os holandeses e os ingleses também tentavam ganhar aquela região e por isso, brigavam com os espanhóis. Tentavam também envolver os Caribe nesta briga, querendo que eles ficassem contra os espanhóis.

Alguns grupos de Caribe ficaram cansados de toda esta confusão com os brancos e resolveram abandonar a região. Saíram do rio Orinoco e foram, aos poucos, estabelecendo-se naquelas regiões para onde faziam viagens de comércio. Estas regiões estavam agora desocupadas, pois os povos que ali habitavam tinham desaparecido nas guerras contra os Caribe.

Assim, estes grupos Caribe começaram a ocupar as cabeceiras dos rios Paragua, Caura e Caroni e também as margens do Uraricoera. Procuravam encontrar terras onde pudessem viver longe dos brancos e de todas as confusões que eles estavam trazendo.

## OS MAKUXI

Um dos grupos Caribe que saiu de sua região para atravessar a serra de Pacaraima e chegar até o rio Uraricoera, chamava-se Makuxi.

No começo, os Makuxi ficaram espalhados pela margem direita do Uraricoera. Depois, pouco a pouco, foram indo mais adiante, seguindo o curso do Uraricoera, até encontrar o Tacutu. Também subiram o Parimé e o Amajari. Do Tacutu subiram pelo Surumu e Cotingo e também pelo Maú. Alguns ainda foram seguindo, até chegarem ao Rupununi e ao Essequibo. Esta região estava quase desabitada. Muitos povos tinham desaparecido por causa dos Caribe.

Mas aí ainda morava um povo que não queria ver estas terras nas mãos dos Makuxi: eram os Wapixana. Eles sabiam que os Makuxi eram parte dos Caribe e não os queriam por ali.

Então aconteceu que alguns Makuxi foram mais para o norte, subindo o rio Cotingo. Mas lá encontraram os Ingarikó. Estes também não queriam que os Makuxi ficassem morando por lá.

Do mesmo jeito, os que tinham ido para o rio Essequibo encontraram os Patamona e os Akawaio e tiveram que voltar no rastro.

Para o sul do rio, Uraricoera não podiam ir, pois lá moravam os Yanomami que também não deixariam ficar. Nas margens do Tacutu e do Maú, os Makuxi encontraram os Wapixana, acabando com

mos Parauiang.

Para trás não queriam voltar porque sabiam que iam encontrar toda aquela confusão com espanhóis, holandeses e ingleses. Assim, os Makuxi estavam encurralados nas terras Wapixana. Só havia uma saída: lutar contra os Wapixana, para conseguir ficar no lugar. Esta era a melhor coisa, pois aquelas terras, apesar de estarem ocupadas pelos Wapixana, eram as menos povoadas, já que muitos grupos tinham desaparecidos nas guerras contra os Caribe.

Foi assim que começou a guerra Makuxi-Wapixana. Ela se desenrolou por muitos anos. No começo estavam sozinhos. Mais tarde chegaram também os Taurepang, que ajudaram os Makuxi. Os Taurepang também eram um grupo Caribe e queriam também aquela região.

Enquanto os Makuxi estavam sozinhos, os Wapixana ainda conseguiram resistir um pouco. Mas foram vendo que não poderiam tirar os Makuxi de lá. Quando chegaram os Taurepang, a situação ficou pior. Então foram os Wapixana que, aos poucos, tiveram que ir saindo do lugar, indo mais para o sul, entre os rios Tacutu e Branco.

Ao mesmo tempo em que os Wapixana iam saindo, os Makuxi iam se estabelecendo.

No começo, a coisa não era fácil. O lugar era novo, pouco conhecido. Não sabiam onde ficavam os locais de muita caça nem de pesca. Também não conheciam os perigos da região:.

Nesse tempo as aldeias tinham túxauas. Na verdade, as aldeias eram pequenas, formadas por uma única grande família cada uma. Também só tinha uma casa, muito grande, onde morava todo mundo. O chefe era o pai da família. Ele tinha autoridade sobre todos que moravam na casa. Isso era já um costume de quando ainda moravam nas margens do rio Orinoco.

Inclusive, para dar mais força para esta organização da família, os casamentos eram feitos com pessoas da mesma casa, entre primos que podiam casar entre si. Podiam casar também com gente de fora, mas davam preferência a casamentos dentro da mesma casa.

Com a mudança de lugar de morada, outras pessoas começaram a ter mais força sobre o pessoal: os pajés.

Neste novo lugar para onde estavam se transferindo, os Makuxi precisavam conhecer os nomes dos igarapés, das serras, dos poços,. Também precisavam saber quais os perigos da região, que bichos havia, etc... Para isso, os pajés eram necessário. Eles poderiam saber o nome de todas as coisas e prevenir contra os perigos, como também curar, quando algum bicho desconhecido pegasse alguém.

Ao mesmo tempo, os chefes de família passaram a não ser os que mandavam. Com a mudança de lugar e a guerra contra os Wapixana, muitas famílias tiveram que se unir para se protegerem melhor. Assim, um chefe acabava diminuindo a força do outro.

Para dar mais força a estas uniões, os casamentos começaram a ser realizados entre pessoas que não moravam na mesma casa. Desse jeito, a família começou a ficar mais fraca, passando a força para a comunidade.



Os chefes de família começaram a ter menos força e os pajés ficaram mais fortes, muitas vezes até assumindo o papel de chefes da comunidade.

Nessa época aconteceram duas mudanças no tipo de casamento entre os Makuxi. A primeira é que passaram para o casamento entre pessoas de fora da família. A segunda é que os homens passaram a casar com mais de uma mulher ao mesmo tempo, pois muitos homens morriam na guerra.

Pouco a pouco a organização dos Makuxi foi se modificando. Os chefes das famílias, que tinham contato com todos os membros destas, deixaram a autoridade para os pajés. Os pajés, que mantinham contato com o outro mundo e que não eram tão duros com o seu pessoal como os pais de família, acabaram deixando, mais tarde, a chefia para os tuxauas. Os tuxauas eram importantes porque, assim como os pajés, tinham contato com o outro mundo; os tuxauas tinham contato com o mundo dos brancos.

Os Makuxi não fizeram guerra só com os Wapixana. Naquele tempo as guerras eram muito comuns. Era muito fácil passar da amizade, onde faziam trocas, trabalhos conjuntos e até guerras conjuntas, para as brigas. Foi por meio destas guerras que muitos povos formaram-se e desapareceram. Às vezes um povo ficava tão unido a outro, formando alianças contra outros povos, que acabavam tornando-se um único povo. Outras vezes um povo tornava-se fraco demais por causa das guerras e juntava-se com outros povos pequenos, ou então com um maior.

Muitas vezes as guerras eram travadas em locais distantes. Uma vez os Makuxi chegaram a voltar até o Orinoco para, junto com os Maiongong, combaterem os índios Guaraivo.

Mas as guerras não eram a coisa mais apreciada pelos Makuxi. O que elas mais gostavam eram as festas. Faziam festas até que acabavam o pajuaru. Então iam trabalhar nas roças, caçar, pescar e marretar. Quando voltavam, faziam outra festa.

Estas festas serviram muito para fortalecer o povo, pois sempre convidavam outras malocas para participarem. O parixara e o tucui eram celebrados, às vezes, em até cinco malocas. Começavam em uma e iam até acabar o alimento. Depois iam correndo até a outra, onde já estavam sendo esperados, e "peitavam" com seus hospedeiros, para tentar obter o pajuaru. Dali iam para outra e assim por diante.

Com as festas e combatendo os inimigos, os Makuxi tornaram-se um povo alegre, forte e unido, apesar das dificuldades que enfrentavam.

## OS PORTUGUESES

Nesse tempo, os portugueses nem eram conhecidos na região. De brancos, os Makuxi conheciam apenas os espanhóis, de quem tinham se afastado, os ingleses e os holandeses, com as quais faziam algum comércio, principalmente trocando escravos Wapixana por espingardas.

Os portugueses só descobriram a boca do rio Branco entre os anos de 1639 e 1655. Mas ainda não estavam muito interessados naquela região. Só a partir do ano de 1670, é que eles começaram a pensar em ser donos das terras próximas ao rio Branco.

O que os portugueses pretendiam, invadindo a área, era fazer com que os índios obedecessem a eles. Além disso, queriam os índios para venderem como escravos e para trabalharem colhendo borracha nas matas.

Para conseguirem estas coisas, os portugueses organizaram algumas viagens a que deram o nome de "Entradas". Eles subiam o rio Branco e iam conhecendo as margens. No começo preocupavam-se apenas em fazer contato com os índios da região e prender alguns para trabalharem como escravos. Não se estabeleceram em nenhum lugar.

Só alguns anos mais tarde é que quiseram ocupar o lugar.

Então eles começaram a fazer o que era costume na época, isto é, enviaram missionários para serem os primeiros brancos a morarem e ocuparem a região.

Os primeiros missionários que chegaram foram os padres Carmelitas. O trabalho deles, além de tentar batizar todos os índios, era de impedir que aquelas terras caíssem nas mãos dos espanhóis. Também deveriam forçar os índios a trabalharem para os brancos. Naquele tempo os padres achavam que, para um índio ser realmente cristão, tinha que deixar a sua vida indígena e começar a trabalhar para os brancos.

Como não havia povoados de brancos nas margens do rio Branco, os índios eram levados para longe da região.

Assim, as Entradas dos portugueses começaram a acabar com os índios da área. Parece que os índios não fizeram muita resistência e deixavam-se levar com facilidade.

Nesta época teve também um chefe indígena do Amazonas que combateu os portugueses. Chamava-se Ajuricaba. Além de combater os portugueses lá na sua região, ele passou pelo rio Branco, onde libertou muitos índios aprisionados. Ele conduzia estes índios até o rio Rupununi. Os portugueses diziam que ele vendia estes índios como escravos para os holandeses.

Mas a luta de Ajuricaba durou pouco tempo. Em 1729 os portugueses conseguiram prendê-lo e acabar com toda a organização de seu povo.

Com Ajuricaba preso, os índios começaram novamente a deixar-se prender com facilidade. As Entradas começaram novamente, e com mais força.

Em 1736, uma Entrada, sob as ordens de Christóvão Ayres Botello, levou muitos índios.

Quatro anos mais tarde, em 1740, outra entrada chegou no Rio Branco. Quem chefiava esta era Lourenço Belforte. Eles levaram mais de mil índios para Belém:

Estas Entradas eram também chamadas "Tropas de Resgate," pois se dizia que estas tropas iam até as malocas e lá apanhavam os índios que haviam sido presos nas guerras entre povos indígenas e que iam ser mortos pelos próprios índios. Então, dizendo que era para os libertar da morte, os portugueses levavam-nos para as cidades, para trabalharem como escravos durante o resto de suas vidas.

As tropas de resgate também trouxeram a morte para muitos índios através das doenças. Entre os anos de 1724 e 1726 ocorreram grandes epidemias de sarampo e varíola na região do rio Amazonas. Como as Entradas vinham de lá, traziam junto estas doenças e espalhavam pelos povos indígenas que entravam em contato. Estes índios, além de apanharem as doenças, ainda transmitiam para outros índios.

Assim como as guerras haviam despovoado as regiões para o norte do rio Uraricoera, também as Entradas estavam despovoando a parte sul. O norte estava agora ocupado pelos Makuxi e Taurepang. O sul ainda estava sendo despovoado para, mais tarde, ser ocupado pelos brancos.

Mas as tropas de resgate terminaram. Pelo menos não eram mais chamadas por este nome. A última aconteceu em 1748 chefiada por José Miguel Ayres. Depois disto, em 1755, saiu uma lei que proibia estas Entradas. A prisão de índios continuou, mas de um jeito mais escondido.

#### AS REVOLTAS CARIBE

Durante todo este tempo, em que os Makuxi mudaram de região e os portugueses chegaram no rio Branco, os espanhóis não ficaram parados. Foram entrando cada vez mais nas terras Caribe e tomando conta de tudo. Também os holandeses, combatendo os espanhóis, iam entrando pelo rio Orinoco.

Os holandeses começaram até a seguir mais adiante em busca do Eldorado. Chegaram a atravessar a serra de Pacaraima e atingiram o rio Uraricoera que, naquele tempo, davam o nome de Parima. Os espanhóis também queriam chegar até lá, mas estavam começando a ter problemas com os Caribe.

Os Caribe estavam zangados com os padres espanhóis. Não gostavam de serem forçados a viver perto das missões, como queriam os padres, e com outros tipos de trabalho com os quais não estavam acostumados. Estes trabalhos impedem o tipo de vida que levavam antes. Não podiam mais fazer grandes caçadas nem longas viagens.

Os holandeses apoiavam os índios contra os espanhóis, pois queriam que os Caribe livrassem a área só para os holandeses.

Os espanhóis fizeram força para manter a situação a seu favor. Alguns índios começaram a fugir e os espanhóis iam atrás para pegá-los. Com isto os Caribe começaram a unir-se a outros povos que estavam pelos rios Paragua, Caura e Uraricoera.

A intenção dos Caribe era de aproveitar as espiões dos holandeses e revoltar os outros índios contra os espanhóis. Por isso, entre os anos de 1754 e 1757, desceram muitas vezes pelo lugar chamado "Caño Monamo" para chegar até o rio Uraricoera. Aí tentavam organizar os índios moradores para lutarem contra os espanhóis.

Os espanhóis reagiram aumentando a sua presença na área. Mandaram missionários franciscanos e capuchinhos para ficarem com os índios.

Os Caribe não aguentaram todos aqueles espanhóis na sua área e saíram de lá. Só uns poucos ficaram.

Os Caribe foram para os rios Mazaruni e Rupununi. De lá saíram alguns grupos, vindo para as regiões do Uraricoera e Tacutu. Foi nesta época que chegaram, em maior número, os Taurepang e ajudaram os Makuxi a expulsar os Wapixana.

Os espanhóis não gostaram desta grande saída dos Caribe. Não queriam perder tão facilmente aquele pessoal que trabalhava pesado. Saindo quase todos, ficaram sem gente para trabalhar para eles.

Então os espanhóis fizeram força. Queriam resolver todos os problemas de uma vez. Queriam tratar logo desta questão com os índios, fazendo que eles os obedecessem de uma vez por todas. E também queriam tomar conta das terras da região do rio Branco, impedindo que os holandeses ficassem por lá e acabassem encontrando o Eldorado.

Para isso, fizeram duas coisas. Primeiro reforçaram as coisas que já tinham feito. Como as aldeias em volta das missões ficaram vazias, trouxeram outros índios, da beira do mar, para morarem ali. Ao mesmo tempo, iam fazendo casas para os soldados, para que protegessem todo o rio Orinoco. Nestes locais também incentivavam a moradia de outros brancos, formando vilas.

A segunda coisa que fizeram foi realizar viagens até o rio Uraricoera.

Os padres não gostaram muito deste novo sistema espanhol. Queriam fazer como sempre faziam: primeiro iam os padres e depois chegavam os soldados. Por isso, os padres, sabendo que os soldados já estavam começando a chegar no rio Uraricoera, correram, oferecendo-se para viajar até estas terras. Foi assim que, no ano de 1772, os padres fizeram uma viagem pelo Uraricoera.

Nesta viagem os padres encontraram os Caribe que haviam fugido de suas missões. Estavam ali os chefes indígenas Maiaracan e Tumutu, que haviam organizado a grande saída.

O encontro não foi de amizade. Os Caribe não queriam saber dos padres por ali e os prenderam. Os padres tentaram ainda convencê-los a se renderem aos espanhóis, mas os índios não queriam saber mais disto. Disseram aos padres que iriam matá-los.

Os padres conseguiram fugir. De volta ao Orinoco, contaram ao governador o que estava se passando. Disseram também que os espanhóis deveriam ir lá com muitas armas para poderem prender e dominar os índios, pois estes não queriam mais voltar, nem queriam os brancos por lá.

O governador espanhol escutou os padres e mandou preparar os soldados.

Mas os Caribe também não ficaram parados. Enquanto os soldados estavam ainda se preparando para a grande viagem, os Caribe uniram-se aos SApará e, chefiados por Maiaracan, saíram pelos rios Chipó e Caroni, onde atacaram a Missão de Morocori. Livraram os índios que eram obrigados a morar ali e voltaram com eles pelo Uraricoera. De lá foram até o rio Rupununi.



Este ataque à missão fez com que os espanhóis se preparassem mais rapidamente.

No começo do ano de 1773 os soldados partiram chefiados pelo tenente Vicente de la Fuente. No rio Paragua os soldados pararam e fundaram uma vila. Esta vila serviria de lugar de apoio para o resto da viagem.

Só cinco meses depois é que saíram dali para ir mais adiante. Desta vez foi o sargento Zapata, com mais treze soldados e doze índios, que fez a viagem pelo rio Uraricoera, querendo chegar até o rio Branco.

Depois de dois dias de viagem eles pararam numa margem do Uraricoera e marcaram um local para depois ser feita uma vila, a qual deram o nome de Santa Rosa.

Depois seguiram adiante até um lugar chamado Coyacuya. Ali eles pararam e resolveram mudar de nome o lugar que devia se chamar São João Batista. Aí ficaram instalados, fazendo um novo local de apoio para outras viagens.

Naquele local foram informados de que a Lagoa Parima, onde deveria estar o Eldorado, ficava perto dali. Três dias de viagem de canoa, diziam.

Então o cabo Izidoro Rondon partiu de São João Batista com dez soldados e quinze índios. Seguiram até o rio Tacutu, por onde viajaram durante oito dias.

Mas os índios que moravam naquela região estavam já sabendo desta viagem e ficaram preparados. Assim, os Paravilhana uniram-se com os Caripuna e os Macaripás e atacaram os espanhóis. O ataque foi bem feito e poucos conseguiram fugir, voltando atrás.

Os que sobreviveram voltaram até São João Batista. Aguardavam novos soldados para, com muitos, poderem passar pela região dos índios do Tacutu.

## REAÇÃO DOS PORTUGUESES

Com todo este movimento dos espanhóis, os portugueses ficaram atentos. Quando souberam que os espanhóis já estavam pelo rio Uraricoera, logo começaram a preparar uma viagem com este destino, para tratar de expulsar os espanhóis de lá.

No final do ano de 1775, saiu um grupo de soldados para tomarem conta da região.

Quando chegaram na localidade de São João Batista, encontraram os espanhóis. Quase não teve luta, pois os espanhóis fugiram, subindo o rio Uraricoera, até chegarem em Santa Rosa. Mas também não ficaram muito tempo por ali. Saíram todos, de volta ao rio Orinoco, deixando para trás armas e munições.

Então os portugueses começaram a construir uma casa bem reforçada, chamada de "forte", para proteger a região de outras invasões espanholas. Fizeram bem onde o rio Uraricoera junta-se ao Tacutu para formar o rio Branco. Assim poderiam ver quem chegava do rio Uraricoera, do rio Tacutu ou do rio Branco.

Mas os espanhóis nunca mais voltaram.

Então esta casa reforçada, que foi chamada Forte

São Joaquim, começou a ser construída. O Forte ia servir para proteger a região de invasões espanholas, inglesas ou holandesas. Ao redor do forte estavam pretendendo fazer com que os índios fossem morar, assim como os espanhóis fizeram os índios moraram ao redor das missões. Dessa maneira teriam muita gente para trabalhar pesado e de graça.

Além disso, os portugueses pretendiam explorar mais adiante. Queriam conhecer o rio Uraricoera e o rio Tacutu, que ainda não conheciam. Eles tinham ficado entusiasmados com a facilidade com que tiraram os espanhóis de lá. Então queriam aproveitar a fraqueza do inimigo para invadir novas terras, principalmente as da beira do rio Rupununi e Essequibo onde, hoje em dia, é a Guiana. O Forte São Joaquim serviria de local de apoio para estas viagens de invasão.

Mas o governo dos ingleses e o dos espanhóis começou a fazer força. Então toda esta questão dos limites começou a ser estudada lá nas cidades. Nunca alguém perguntou qualquer coisa aos índios sobre estas terras. Eles não eram considerados donos das terras. Eram considerados como bichos. Eram usados só para o trabalho, assim como os animais.

O Forte São Joaquim começou a ser construído com este trabalho dos índios.

No começo os índios não tiveram muita desconfiança dos portugueses. Eles ainda lembravam do tempo das Entradas e das tropas de resgate. Mas, como tinham tirado os espanhóis de lá, pareciam ser mais amigos.

Por isso, eles foram facilmente convencidos a irem morar ao redor do forte, ajudando na sua construção. O trabalho era de cortar e carregar madeira.

Ao mesmo tempo, enquanto o forte ia sendo construído, os brancos iam chegando e situando-se nas margens do rio Branco. No final do ano de 1777, apenas dois anos depois que os portugueses tinham tirado os espanhóis de lá, já existiam cinco vilas de brancos. E mais de mil índios estavam morando nessas vilas.

Os índios ajudaram muito estas vilas a se situarem.

Os povos indígenas que viviam ao redor do forte São Joaquim ou nas vilas eram: os Paravilhana, os Saporá, os Aturaíú, os Tapicari, os Uaiumará, os Amaripá e os Pauxiana.

Os Paravilhana já eram poucos. A maioria deles tinha desaparecido por causa das tropas de resgate. Outra parte estava se juntando aos Makuxi.

Os Saporá viviam bastante espalhados e não eram todos que estavam de acordo com os brancos.

O restante dos povos eram grupos parentes dos Wapixana e estavam ainda em guerra contra os Makuxi. Estes acharam que os brancos poderiam ajudá-los contra os Makuxi e, por isso, estavam de acordo com os portugueses.

Os Saporá que ajudaram os portugueses, acharam que estes eram amigos porque tinham expulsado os espanhóis de lá.



Os Paravilhana já não contavam mais. O povo mesmo tinha-se acabado e os indivíduos que sobraram não tinham muito para onde ir.

Com os outros Caribe, incluindo os Makuxi, os portugueses demoraram para ter contato. Os Caribe eram considerados muito brabos e evitavam o contato com os brancos.

Os povoados iam crescendo, com muitos índios morando em volta deles, trabalhando para os brancos.

Por este tempo também foram fundadas as primeiras fazendas. Os portugueses chegaram à conclusão de que a melhor maneira para ocuparem a região e tornarem-se donos dela era através da criação de gado. Por isso fundaram três fazendas nas proximidades do Forte São Joaquim.

O capitão Sá Sarmiento, que era o comandante do forte, criou a fazenda de São Marcos. Um homem rico, de Manaus, criou a fazenda de São José. E Lobo D'Almada criou a fazenda Nacional, chamada São Bento.

Estas três fazendas juntas tinham 1000 cabeças de gado, mais ou menos.

### REVOLTAS INDÍGENAS

Aos poucos, os índios começaram a desiludir-se com os portugueses.

No ano de 1780, muitos índios resolveram fugir de suas moradas ao redor das vilas. Não era difícil, fugir, pois quase não tinha guardas e estes confiavam em que os índios estavam por ali porque queriam aderir à civilização.

No ano seguinte, em 1781, houve uma grande revolta entre os que tinham ficado. Aconteceu que os soldados tinham prendido alguns índios Saporá e trazido à força para o Forte São Joaquim. Como era costume, estes índios deveriam ser remetidos para Belém. Mas os Saporá que já moravam no forte, não gostaram disso. Então atacaram o forte, matando um cabo, seis soldados e um negro. Eles conseguiram também convencer os outros povoados e, assim uma fuga muito grande.

Depois disso, os portugueses colocaram mais soldados pelo rio Branco e recomeçaram o trabalho de ajuntar os índios ao redor do forte e das vilas, pois precisavam de quem trabalhasse para eles.

Nesta tentativa de juntar mais índios, um cabo chamado Miguel Arcanjo conseguiu entrar em contato com um grupo Makuxi, em 1784. O tuxaua Annanali foi até o forte com este cabo e, lá, prometeu que traria a sua gente. Depois voltou para casa. Tempos depois os soldados foram até a maloca para cobrar a promessa, mas encontraram as casas vazias.

Mas esta foi apenas a primeira tentativa. Continuaram tentando também com outros povos, além dos Makuxi. Conseguiram bastante coisa, pois sete anos depois da primeira fuga, a população indígena ao redor das vilas estava quase como antes.

Tudo correu mais ou menos bem durante três anos. Então, em 1790, foi a vez dos Makuxi revoltarem-se contra os brancos.

Os Makuxi não gostaram de viver perto do Forte e ainda tinham muitas brigas com os Wapixana. Então atacaram o forte, matando quatro soldados, um índio e deixaram outro soldado ferido. Nesta revolta só se envolveram, além dos Makuxi, os índios de um povoado que ficava perto do forte.

O índio morto no forte era, provavelmente, um Wapixana, pois, a partir daí, as brigas entre Makuxi e Wapixana aumentaram. Os Wapixana fizeram muitas viagens para atacar os Makuxi.

Para tentar acalmar a situação os portugueses começaram a mandar mais soldados e a ser muito duros com os índios. Começaram também a trocar os moradores: mandavam índios daquele para o rio Negro e traziam os de lá para morarem aqui. Com isso eles queriam que os índios, morando em lugares estranhos, ficassem calmos.

Mas nem tudo saiu como eles queriam. Nestas viagens, levando e trazendo índios, os soldados eram atacados e os índios eram libertados. E as fugas de perto das vilas continuavam.

Em 1798 aconteceu uma nova revolta. Desta vez foram os Paravilhana e os Wapixana que atacaram uma vila. Mataram o diretor da vila, um grupo de soldados e alguns moradores.

Os portugueses ficaram zangados com esta revolta. Chamaram o tenente Leonardo José Ferreira para colocar a ordem no rio Branco.

Os Paravilhana ainda tentaram organizar-se, mas não deu tempo. No mesmo ano de 1798 encontraram-se com os portugueses. A luta foi grande, os portugueses tinham muitas armas e mataram quase todos os Paravilhana. Morreu tanta gente que, o local onde a luta foi travada passou a ser chamado de praia do sangue.

Muitos Paravilhana que conseguiram fugir ainda foram presos e mandados embora para Belém. Os que conseguiram escapar mesmo, juntaram-se ao Makuxi.

Esta foi a última revolta dos índios da região do rio Branco contra os portugueses.

A partir daí a situação começou a ficar mais calma. Acabou, inclusive, a guerra entre os Makuxi e Wapixana.

Sentindo mais segurança, os brancos começaram a se preparar para situar morada definitiva.

### TROCAS ENTRE OS POVOS

Ao mesmo tempo em que aconteciam todas as brigas entre os povos indígenas e entre esses e os brancos, também existia um grande sistema de troca entre os povos.

Estas trocas eram muito importantes para que os povos fossem se conhecendo cada vez mais. Elas eram feitas nas visitas que os povos faziam entre si. Só com os Ingarikó é que a coisa era um pouco diferente. Ninguém ia até a terra deles para que chegassem até as regiões onde queriam comprar ou trocar.

Os brancos tentaram dominar também este sistema de trocas mas, no começo, nada conseguiram. Tentaram fazer isto, apresentando outras mercadorias que só eles mesmos sabiam produzir. Só que não deu certo porque os índios usavam estas mesmas mercadorias para fazer as trocas com outros povos.

As mercadorias trocadas poderiam ser qualquer coisa. Desde comida, até pedaços de ferro que poderiam ser utilizados para fazer pontas de flecha, etc... Mas existiam alguns produtos que o povo sabia fazer bem mesmo. Então os outros povos preferiam trocar estes produtos do que tentar fazê-los. Com isto, as trocas passaram a ter alguns produtos que sempre apareciam e a fazer um caminho para passar de um povo a outro.

Desse jeito, tinha o povo Wai-Wai, que mora no baixo rio Branco e na Guiana. Este povo fazia ralos e treinava cachorros. Estes ralos e estes cachorros treinados, eles trocavam com os Wapixana por canoas e redes de algodão.

Os Wapixana ficavam com parte destes produtos para eles mesmos usarem. Outra parte eles faziam negócio com os Makuxi. Estes sabiam fazer um curare muito bom. E, em troca dos Cachorros e ralos que os Wapixana tinham trazido dos Wai-Wai, davam curare e redes de algodão.

Os Makuxi faziam suas trocas com os Taurepang. Trocavam os seus próprios produtos, curare e redes, como também os cachorros e ralos que chegavam dos Wai-Wai por meio dos Wapixana. Os Taurepang, como pagamento, davam bolas de algodão, zarabatanas e ralos que vinham dos Maiongong.

Os Maiongong, em troca do que davam, recebiam redes de algodão que vinham dos Makuxi e panelas de barro fabricadas pelos próprios Taurepang.

Os ralos zMaiongong que os Taurepang recebiam eram também trocados, junto com missangas, com os Ingarikó e com os Akawaio.

Além deste caminho do comércio, existiam outros caminhos. Por exemplo, os Maiongong trocavam suas canoas, ralos e outros produtos diretamente com os Makuxi e Wapixana, sem passar pelos Taurepang.

Outros povos também entravam neste sistema, mas com menos importância. Por exemplo, os Makuxi trocavam produtos com os Cariñan, que eram os Caribe que haviam ficado na Venezuela. Dos Cariñan eles recebiam, principalmente, panelas, potes de barro.

Cada um destes povos de que falamos ainda fazia comércio com outros povos. E assim ir para frente.

Também outros produtos eram comercializados além daqueles que falamos. Nós só citamos os mais importantes. Por exemplo, desde a chegada dos brancos, ficou muito comum o comércio de bacias, terçados, enxadas e espingardas.

Os brancos sempre tentaram entrar e dominar este tipo de comércio, mas nunca conseguiram inteiramente. Só mais tarde, quando os índios começaram a usar o dinheiro, é que os brancos conseguiram ter um controle maior neste sistema de trocas.

TEMPO DE ESPERA

Depois do acontecimento da Praia do Sangue, os índios passaram a não brigar mais com os portugueses.

Mas isso não queria dizer que estava tudo bem. Os índios começaram a fazer força por baixo. Não fugiam, não brigavam, mas também não colaboravam.

Passaram a evitar o trabalho com os brancos, quando podiam. Quando iam trabalhar, ficavam preguiçosos e o serviço não rendia.

Ao mesmo tempo os índios que moravam mais para o norte, como é o caso dos Makuxi, reforçaram mais o comércio que tinham com os holandeses e ingleses do rio Essequibo.

Neste tempo houve também uma grande saída de índios para a Guiana.

Tudo isto era uma forma de lutar. Os índios começaram a perceber que os brancos só os queriam para o trabalho pesado. Então começaram a sovinar este trabalho.

Em parte isto deu resultado. As vilas pararam de crescer, pois o trabalho não ia para frente.

Os brancos notaram que os índios não estavam mais trabalhando direito, mas botaram a culpa num missionário inglês que andava pelo rio Tacutu. Por isso, em 1839, os soldados do Forte São Joaquim, chefiados pelo coronel Souza, expulsaram o missionário. Acusavam este missionário, chamado Mister Youd, de estar convencendo os índios a não trabalharem mais para os brancos. Quando este missionário foi expulso, muitos Makuxi foram com ele.

Os brancos, que nesta época não eram mais portugueses mas brasileiros, começaram a fundar novas vilas, tentando ocupar mais a região. Neste tempo também os padres carmelitas deixam a região, deixando o trabalho religioso a cargo dos padres franciscanos.

No ano de 1842, os padres fizeram uma reunião com chefes dos Makuxi, Sapará e Purucotó e entraram de acordo para fazer uma missão no rio Uraricoera. Esta missão chamada-se Porto Alegre.

Os padres que foram para lá não aguentaram muito tempo. Depois de cinco anos foram embora, por causa de doenças. Mas neste tempo eles tinham conseguido reunir 1.600 índios ao redor da missão.

No ano de 1849, o padre Frei Gregório José Maria Bené resolveu pegar a direção da missão, que estava sem nenhum padre. Quando chegou lá, só encontrou 120 índios ao redor da missão. Tentou ainda retomar o trabalho, mas não agüentou. Deixou por isso mesmo e foi-se embora. A partir daí, a Missão Porto Alegre foi abandonada e nunca mais voltou a funcionar.

OS NORDESTINOS

A sovinagem do trabalho que os índios tinham começado a fazer só não deu certo porque, em 1877, deu uma grande seca no Maranhão e em outros estados do Nordeste.

Por causa desta seca, muitos maranhenses, paraibanos, etc., perderam as suas terras e os seus trabalhos. Então saíram de lá, procurando lugar para morar.

Foram chegando e ocupando os campos das margens do rio Branco. Aproveitavam estes campos para formar fazendas, tentando criar gado.

Des anos depois, em 1887, já existiam 32 dessas pequenas fazendas. Mas o gado ainda não era muito. Somando o que tinha em todas estas fazendas, não chegava a mil cabeças.

Estes nordestinos dependiam muito de Manaus, de onde vinham os produtos que usavam. E dependiam duas vezes dos índios, pois precisavam da farinha que faziam e de seus serviços nos barcos que iam para Manaus.

Nesta época os índios já não sovinavam tanto o trabalho. Já tinham passado quase 100 anos desde o acontecido na Praia do Sangue. Os novos já não sabiam o que tinha sido o sofrimento dos velhos. E, ainda mais, já tinham visto brancos por perto desde que nasceram. Já estavam meio acostumados com eles. Mas, o que mais fez com que isto acontecesse é que os índios tinham medo dos maus-tratos dos nordestinos. Quando um fazia mal a algum índio este tinha medo de reagir porque sabia que ia ser preso e morto pelos brancos.

Um exemplo disto é que um fazendeiro, chamado Fernando, vivia roubando as roças dos Wapixana, atacando as malocas e fazendo mal para as mulheres. Os índios acabaram matando o fazendeiro, mas não encontraram forças para enfrentar os outros brancos. Então fugiram.

Por causa de muitos casos como este, os índios iam ficando fracos.

Os Wapixana, que antes formavam o povo mais numeroso da região, ficaram reduzidos a menos de mil indivíduos. Nem tinham muito ânimo para aumentara população, porque sabiam que os filhos iam sofrer nas mãos dos brancos. Os casamentos começaram a diminuir, pois muitas meninas iam trabalhar nas casas dos brancos.

Isto acontecia com os índios das margens dos rios Branco e Tacutu. Os que viviam mais ao norte, como os Makuxi, estavam isolados dos brancos. Os nordestinos que haviam chegado recentemente, quase não tinham ouvido falar dos Makuxi. A região destes índios também era pouco conhecida pelos brancos.

Com este isolamento e ajudados pelos povos menores que fugiam dos brancos e juntavam-se aos Makuxi, estes foram crescendo e passaram a ser o povo mais importante da região. Eram já uns 4.000 indivíduos.



Nesta mesma época os brancos, apesar de irem para frente, não estavam muito bem. O Forte São Joaquim estava totalmente abandonado. A vila de Boa Vista tinha 10.000 habitantes. Destes, apenas 3 ou 4 mil eram brancos ou mestiços. Os outros eram índios.

Assim passaram-se 20 anos antes de mudar alguma coisa.

### TEMPO DO S.P.I.

A partir do ano de 1900, as coisas começaram a mudar um pouco para os índios.

Neste tempo os brancos começaram a pensar de uma maneira diferente em relação à terra. Eles diziam: "Uma terra sem gado, é uma terra sem dono." Com isto estava dizendo que as terras dos índios eram livres. Se aquelas terras não tinham gado, então não tinham dono. E quem colocasse gado lá, ficaria dono delas. Assim que eles estavam pensando.

Ao mesmo tempo, o General Rondon estava trabalhando por todo o Brasil e falando a favor dos índios. Por causa disto, foi criado o Serviço de Proteção aos Índios, o S.P.I..

O S.P.I. foi logo aparecendo em Manaus. Lá foi feita uma lei para reservar uma terra para os índios de Roraima. Naquele tempo os índios mais conhecidos e que estavam com problemas de terra eram os Wapixana. Na Lei, que saiu em 1906, ficava reservada a Ilha de Maracá, no rio Uraricoera, para eles.

Olhando assim, de longe parece uma coisa boa. Mas não é bem assim. Branco parece que não sabe fazer as coisas de graça. A primeira coisa errada desta lei é que na ilha de Maracá não tinha nenhum Wapixana morando. Segunda coisa é que os brancos estavam querendo mandar todos os índios para lá e, assim, deixar livre de índios a área de perto de Boa Vista.

Mas os Wapixana nunca foram morar lá.

Entre os anos de 1909 e 1911, os índios sofreram muito com as doenças. A principal que apareceu foi o sarampo. Muita gente morreu, tanto Wapixana como também os Makuxi e Taurepang, que viviam mais afastados dos brancos.

Também nestes anos chegaram os padres beneditinos. Logo que chegaram, trataram de visitar as regiões pouco conhecidas pelos brancos. Para isso fizeram, logo uma missão na beira do rio Surumu, por perto da fazenda São Marcos.

São Marcos, que pertencia ao governo, foi arrendada para Sebastião Diniz. Quando terminou o contrato, Sebastião Diniz entregou a fazenda, mas carregou umas 20.000 reses com ele. Também conseguiu o título de terra da fazenda Flechal, que era parte das terras de São Marcos. Com este gado e as terras roubadas do governo, ele conseguiu formar a sua riqueza.

Mas não foi só Sebastião Diniz que enriqueceu às custas do gado de São Marcos. Outros pequenos fazendeiros também roubavam gado de lá.

No ano de 1916 o governo deixou a administração da fazenda São Marcos para o S.P.I.. Isso não queria dizer que naquela terra ficava reservada para os Índios. Queria dizer só que o S.P.I. tinha uma fazenda para cuidar.



O único interesse que o S.P.I. tinha para com os índios era o de que eles servissem como empregados na fazenda.

O S.P.I. teve muitas brigas com os fazendeiros, mas não por causa dos índios. Eram brigas entre fazendeiros. Mas, apesar disso, o S.P.I. ajudava os outros fazendeiros menores do jeito que os fazendeiros colaboram entre si: emprestando reprodutores, fazendo trocas de reses, etc...

Neste tempo também apareceu uma firma, chamada Araujo Limitada, que comprou a fazenda Flechal. Esta firma fazia comércio com os pequenos fazendeiros, vendendo fiado. Quando um fazendeiro não podia pagar, a firma pegava a terra como pagamento. Desse jeito, aqueles que tinham perdido a sua fazenda, tratavam de tentar formar outra, entrando cada vez mais nas terras indígenas. E não podemos esquecer que os brancos nunca consideraram as terras como sendo dos índios. Eles diziam que as terras não tinham nenhum dono. Talvez por acaso é que os índios moravam por ali e até que isso era bom, porque poderiam fazer o serviço pesado nas fazendas.

No ano de 1917 saiu uma lei que reservava aos índios as terras ocupadas por eles. Esta lei reservava particularmente aos Makuxi e Taurepang as terras que ficava entre os rios Surumu e Cotingo e as serras do Marari e da Memória.

A partir desta lei o S.P.I. começou a dar mais atenção aos índios. Não na defesa das terras, mas tentando dar algum atendimento. Por isso, em 1921, foi criado um posto médico na beira do Cotingo,

O problema maior que o pessoal do S.P.I. enfrentava era, o da língua Makuxi. Os Makuxi não queriam falar português, e também não faziam muita questão de ensinar a própria língua aos brancos.

Mesmo assim, um funcionário do S.P.I. conseguiu aprender um pouco com os Makuxi que trabalhavam como vaqueiros em São Marcos. E, no ano de 1922, conseguiu fazer um pequeno dicionário da língua.

Começaram também a serem feitas as primeiras escolas dentro da área Makuxi, com a intenção de que aprendessem a língua portuguesa. Assim os Makuxi poderiam ter mais contato com os Brancos.

Em 1924 já havia quatro escolas. Estas escolas foram feitas também para combater a ação dos padres beneditinos, que estavam trabalhando mais com os índios do que o próprio S.P.I. Além das escolas, o S.P.I. também transformou o posto de saúde num internato para meninas.

Neste mesmo ano de 1924, o General Rondon esteve pelas regiões do rio Tacutu, Surumu e Cotingo. Nesta ocasião ele confirmou a lei que reservava a área entre o Surumu, o Cotingo, as serras do Marari e da Memória para os Makuxi e Taurepang.

O General Rondon achou que a atuação do S.P.I. estava muito ruim e escolheu o pessoal. Mas depois que ele saiu, em vez de melhorar, a situação piorou. As escolas ficaram mal. As terras dos Makuxi estavam começando a ser invadidas. O internato teve que ser fechado, pois corria uma conversa de que os funcionários do S.P.I. iam deitar com as meninas internas.

Neste tempo também passou a comissão de fronteiras! marcando os limites do Brasil com a Venezuela e com a Guiana. O S.P.I. nada fez, deixando que a linha de fronteira passasse pelo meio das terras dos índios. Por isso os Makuxi ficaram divididos, uma parte no Brasil e outra parte na Guiana, quando antes era uma terra só, pertencente aos Makuxi. A mesma coisa aconteceu com os Wapixana. Já os Taurepang ficaram parte no Brasil, parte na Venezuela. Ninguém perguntou aos índios como deveria ser esta questão dos limites. E o S.P.I., que deveria brigar para não dividir os povos, ficou quieto.

A única coisa que os índios fizeram nesta questão foi carregar os sacos de cimento nas costas, para fazer os marcos. Assim o S.P.I. foi indo, cuidando mais da fazenda São Marcos do que dos índios.

Enquanto isso, os fazendeiros e garimpeiros começavam a chegar nas terras Makuxi e Taurepang.

As primeiras fazendas da região foram Redenção e Hamburgo e foram feitas no ano de 1925. As outras chegaram mais tarde. O que atrasou um pouco a chegada deles foi que não havia estradas.

No ano de 1940 houve uma grande seca. Os índios passaram baixo. Faltou até farinha! E com a fome vieram as doenças. O S.P.I. nada fez, dizendo que não tinha dinheiro. Muitos índios morreram em consequência disto.

Nesta época começaram a aumentar as fazendas pela região dos rios Surumu, Cotíngo e Maú. Também os garimpos começaram a ser descobertos nesta época. Os Makuxi e Taurepang eram contratados, então, como empregados nas fazendas e como carregadores para os garimpeiros.

Foram feitas muitas pesquisas nesta área, procurando riquezas por baixo da terra. Mas estas riquezas, ou foram deixadas por lá mesmo, ou não foram encontradas.

Com todos estes brancos chegando, os Makuxi foram deixando de falar a sua própria língua, usando mais o português. Os brancos desprezavam o idioma Makuxi, chamando-o de gíria. Na parte do lavrado foi onde se começou a deixar mais depressa.

Muitos Taurepang foram embora para a Venezuela. Os Taurepang que estavam por lá tinham saído para a Guiana, então os daqui foram para lá.

## TERRITÓRIO DO RIO BRANCO

Durante todo este tempo, a região do rio Branco fazia parte do Estado do Amazonas. Foi só em 1943 que foi criado o Território Federal do Rio Branco e, mais tarde, mudado para Território Federal de Roraima.

Sendo Território, começou a ter um governo local. Não dependia mais do governo do Amazonas.

Com isto, os brancos moradores começaram como que a querer ter vida própria, e queriam ganhar dinheiro de qualquer jeito.

Também o governo do Território precisava de dinheiro para poder administrá-lo. Então, já que as riquezas de baixo da terra pareciam não existir ou serem pouco vantajosas, o jeito era aproveitar os campos do lavrado para a criação de gado. O governo incentivou muito este tipo de criação, abrindo estradas, etc.. Conseqüentemente, novas fazendas foram surgindo dentro das áreas indígenas.

Cada fazenda ia criando outras, pois o vaqueiro, com o decorrer dos anos, ia formando o seu próprio gado e construindo uma fazenda.

Mas, como iam surgindo, iam também desaparecendo, pois as fazendas grandes iam engolindo as menores, como sempre acontece. Isso pode ser visto no caso dos índios: muitos índios trabalharam como vaqueiros, mas nenhum conseguiu formar a sua fazenda.

Em 1948 os padres beneditinos deixaram o serviço religioso para os padres da Consolata. A missão que os beneditinos tinham construído na beira do Surumu não existia mais. Por isso, os Padres da Consolata trataram de construir uma outra, também na beira do Surumu, só que mais acima.

Entre os anos de 1950 e 1970 os padres começaram a favorecer a maloca da Raposa. Com isto, o tuxaua Gabriel Viriato Raposo começou a ter muita influência sobre toda a área. Ele passou a ser como um tuxaua geral.

Depois da morte do tuxaua Gabriel, os seus irmãos assumiram a liderança, ainda sempre favorecidos pelos padres.

Outra atuação dos padres foi a de criar escolas num grande número de malocas. Mais tarde, o governo do Território passou a tomar conta destas escolas e a criar outras.

Mas os índios não eram considerados índios por nenhum branco. O governo, como os fazendeiros, via os índios como gente que poderia ser empregada nas fazendas, então, como um obstáculo que empatava o desenvolvimento do Território.

Com tudo isto, muitos índios começaram a abandonar o Brasil, indo para a Guiana. Mas como houve uma revolução naquele país, os índios começaram a voltar.

Neste tempo também foi construída a estrada que liga Manaus e Boa Vista. Muitos índios, principalmente Makuxi, foram empregados nesta construção. O trabalho consistia tanto em fazer a estrada, como em contatar os parentes Waimiri e Atroari, que não queriam que a estrada passasse por dentro das terras deles. Mas ela passou mesmo assim.

Com toda esta invasão, a situação dos índios começou a ficar difícil. O S.P.I. não ajudava.

Os índios começaram a organizar-se um pouco a partir do ano de 1968.

Neste ano os padres promoveram a primeira reunião dos tuxauas. No começo as reuniões eram só para os padres ensinarem alguma coisa de religião aos índios. Mas, nos intervalos, os Tuxauas aproveitavam para falar de seus problemas.

As reuniões iam acontecendo todos os anos. Nesse meio tempo o S.P.I. acabou. No lugar dele ficou a FUNAI.

Ao mesmo tempo a Fazenda São Marços foi demarcada como área indígena. Só que foi demarcada como Colônia Agrícola Indígena. E, na lei, numa Colônia Agrícola Indígena podem morar também os brancos. Com isto, a área foi demarcada mas não ficou livre dos brancos.

Em 1977 foi a primeira vez que os tuxauas ocuparam, só para eles, a reunião promovida pelos padres. Mas não foi tão bem quanto era para ser. A FUNAI decidiu empatar a reunião e chamou a Polícia Federal para fazer isto. Mesmo assim os tuxauas ainda tiveram oportunidade de conversar. Desde então, as reuniões dos tuxauas passaram a ser feitas pelos próprios tuxauas e os padres só cedem o lugar e a comida.

Outra forma de luta que os índios começaram a fazer foi as cantinas. Com as cantinas os índios conseguiram acabar com os preços muito altos que os comerciantes e marreteiros usavam para vender as suas mercadorias.

As confusões com os fazendeiros continuaram como sempre, só que, aos poucos, os índios começaram a lutar pelos seus direitos à terra, à sua cultura e à sua vida.

A partir de quando os índios começaram a reagir um pouco contra a invasão, começou uma confusão entre os padres a FUNAI e o Governo.

Os índios começaram a perceber que o governo só pensava neles como empregados dos brancos ou como os que impediam o desenvolvimento de Roraima. Também começaram a ver que a FUNAI nada fazia em favor deles. Com isto, tanto a FUNAI quanto o governo começaram a acusar os padres de estarem colocando os índios contra os brancos.

A atitude do governo só mudou, quando o Brigadeiro Ottomar de Souza Pinto tornou-se governador. Ele, em vez de deixar os índios de lado, como os outros fizeram, tentou ajudar os índios e os fazendeiros. Os índios continuavam a ter as suas terras invadidas, mas o governador queria que, mesmo assim, todos fossem amigos. Queria que o roubado ficasse amigo do ladrão enquanto este estava ainda roubando.

Com o exemplo do governador, muitos brancos começaram a fazer o mesmo. De repente, quase todos os fazendeiros e políticos começaram a dizer que tinham uma avó que era índia, uma tia que era índia e que, por isso, eles também eram índios. De uma hora para outra, parece que os brancos tinham se acabado e todos tinham virado índios.

Houve até um caso em que alguns fazendeiros tentaram fazer a união com uma maloca indígena para, juntos, tentarem proteger a terra contra outros fazendeiros maiores.

Estes fazendeiros maiores realmente começaram a aparecer e a comprar várias fazendas pequenas. O que pode acontecer é que todas as fazendas comecem a pertencer a um dono só.

As firmas estrangeiras estão cada vez mais interessadas em ser donas das terras. Estas firmas gostam muito de terras indígenas porque os índios podem dicar como empregados.

Durante muito tempo foram feitas promessas de demarcação das terras indígenas, mas estas nunca apareceram de forma que acabasse com o problema das invasões. De acordo com a lei, todas as áreas indígenas deveriam ser demarcadas até o ano de 1978. Mas isto não aconteceu. Apenas dez áreas pequenas foram demarcadas, além da Colônia Agrícola de São Marcos.

Mas, aos poucos, os índios estão percebendo que, se eles mesmos não lutarem pelos seus direitos, ninguém vai fazer isto por eles.